



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

VALORES SOCIAIS ACERCA DA CLASSE DOCENTE MATERIALIZADOS EM ENUNCIADOS: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA

Marina Lara¹

Resumo: O objetivo principal do presente artigo centra-se em apresentar uma investigação de como o estilo da revista *Conhecimento Prático Língua Portuguesa*, da Editora Escala, revela uma materialização, em seus enunciados, de valores sociais que circundam nossa sociedade acerca da classe docente. Pensamos também em como acontece a construção de um “outro” – professor – por meio do discurso do “eu” (o enunciador). Ademais, refletimos como se dá a movimentação do gênero artigo de opinião, e se há, quando direcionado à classe docente. Todas essas questões foram discutidas sob a perspectiva teórico-metodológica Bakhtiniana, centrando as análises nas noções de enunciado, diálogo, estilo e gênero do discurso. Nossas análises apontam para uma materialização de valores sociais em aspectos sintáticos dos enunciados da revista e para uma hibridização de gêneros quando o destinatário constitui um professor.

Palavras-chave: Estilo; diálogo; gêneros do discurso; professor.

Abstract: The main objective of this study focuses on investigate how the style of the "Conhecimento Prático Língua Portuguesa" magazine, from "Escala" publisher, reveals a materialization, in its wordings, of social values that surround our society regarding the teaching class. Besides, we thought about the construction of an "other" - teacher - by means of the "I" speech (the enunciator). Furthermore, we reflected on how happens the genre opinion article handling and whether there is, when aimed to the teaching class. All these questions were discussed under the perspective of Bakhtin's theory, focusing our analysis in the wording notions, dialogue, style and speech genres. Our analysis indicates a materialization of social values in syntactic issues and a hybridization of genres when the addressee is a teacher.

Keywords: Style; dialogue; speech genres; teacher.

¹ Marina Lara é graduada em Letras Português/Francês pela UNESP/FCLAr. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa pela mesma instituição.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

1. Introdução

O presente artigo propõe uma análise de enunciados que circulam na mídia, a saber, na *Revista Conhecimento Prático Língua Portuguesa*, da Editora Escala, com vistas de refletir sobre a materialização de valores sociais acerca da classe docente nesses enunciados, destacando, principalmente, o estilo dos textos. Entendemos, nesse trabalho, a estilística dos textos – em especial os elementos: vocativo, formas verbais e pronomes – como primordial na construção do sentido do discurso veiculado na revista em análise.

Este artigo apresenta o resultado do trabalho de conclusão de curso da autora denominado “A (des)construção da imagem do sujeito professor na mídia: evidências da materialização de valores sociais”. Neste artigo apresentamos um recorte da pesquisa realizada e seus principais resultados.

A análise desenvolvida é de cunho qualitativo e a seleção dos enunciados da revista foi feita com base na recorrência de marcas estilísticas relevantes para a constituição do sujeito professor. Ao todo, no trabalho de conclusão de curso, foram analisados três artigos, sendo um deles da edição de número 42 da revista, do ano de 2013, e dois deles da edição de número 53, de 2015. Neste artigo abordaremos apenas dois dos selecionados. A escolha da revista se deu devido ao objetivo da mesma, qual seja: a transmissão de conhecimentos práticos aos docentes de Língua Portuguesa. Pensamos, aqui, como essa transmissão de conhecimento foi feita, qual a movimentação do gênero quando direcionado ao público alvo da revista – a classe docente – e se o estilo dos enunciados em análise reflete valores sociais.

A partir dos pressupostos teórico-metodológicos de Bakhtin e seu Círculo, apresentamos, portanto, uma proposta de análise de enunciados que considera os fatores linguísticos e extralinguísticos que marcam os discursos, a fim de pensar sobre as particularidades dos enunciados, suas esferas de atividade, suas relações com outros discursos e os efeitos de sentido produzidos. Além da filosofia da linguagem bakhtiniana, nossa análise abarca considerações de Wanderley Geraldi e de Marina Mendonça acerca do papel do professor em sociedade. Em *Portos de Passagem*, por exemplo, livro publicado em 1992 por Geraldi, o autor afirma que o exercício do professor, à época, poderia ser comparado com o de um capataz de fábrica. Nossos dados, duas décadas depois, apontam para uma possível atualização dessa conclusão do autor.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

2. Considerações teórico-metodológicas

Como já afirmado, os estudos bakhtinianos serviram de embasamento teórico dessa pesquisa, contribuindo, sobretudo, com as noções de enunciado, gênero, esfera de atividade, diálogo e estilo em suas inter-relações constitutivas. A escolha teórica deu-se não só pela tradição da pesquisadora na área de estudos bakhtinianos, mas também porque a teoria do autor permite um olhar interessante para a relação entre o discurso e sua sócio historicidade.

Em Bakhtin (2011), temos que é através dos enunciados que a vida penetra na língua, já que é por meio destes que os sujeitos fazem uso da linguagem, em suas diferentes materialidades e expressam-se (marcando suas peculiaridades), produzindo enunciados em resposta a outros já produzidos e em projeção aos que serão produzidos nos atos responsivos. Dessa forma fica claro o entendimento do enunciado como um evento dialógico, estabelecendo elos enraizados na sócio historicidade dentro das cadeias enunciativas, que, assim sendo, também são sócio históricas.

Os enunciados, produzidos sempre no seio das esferas de atividade humana também carregam consigo as características dessa esfera, que o condicionam. Nesse contexto, chegamos à noção de gênero do discurso, que são enunciados “relativamente estáveis” com forma, tema e estilo. O conceito de gênero se faz presente neste trabalho, sobretudo por garantir entendimento à hibridização do gênero em análise, que é invadido por discursos oriundos de outros gêneros e esferas, e também porque não há enunciado sem gênero.

Sendo os enunciados produzidos por sujeitos sociais, neles podem ser encontradas marcas – resultado das escolhas desse sujeito para dar acabamento ao enunciado – que revelam esse enunciadador e as vozes sociais, o que é chamado por Bakhtin de estilo, e, além disso, que revelam a relação eu-outro estabelecida nesse enunciado elaborado por um “eu” pensando no seu “outro”, numa relação de alteridade. Nesse trabalho a relação “eu-outro” é interessante, pois estes ocupam o mesmo lugar social: o da classe docente.

Para Bakhtin (2011) não há enunciado absolutamente neutro, pois para produção de todo enunciado há uma “relação subjetiva emocionalmente valorativa” (BAKHTIN, 2011, p.289) desse sujeito com o conteúdo de seu objeto e o sentido que deseja produzir em seu enunciado. Para o autor, essa relação valorativa determina a escolha do acabamento do enunciado no que tange aos seus recursos lexicais, gramaticais e composicionais. Bakhtin



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

(2011), entretanto, faz a ressalva de que todos esses recursos que podem ser lançados mão no enunciado são “neutros”, sem valores associados, “mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos” (BAKHTIN, 2011, p. 290)

Com essas considerações teóricas propomos uma análise do gênero “artigo de opinião” pensando em como os aspectos estilísticos dos textos revelam uma imagem desse “outro”, professor, construída por meio do discurso do “eu”, e como nesses discursos são materializados valores acerca da classe docente.

3. A imagem do professor na mídia

Para verificar como ocorre a construção da imagem do professor na mídia foram selecionados dois artigos da revista *Conhecimento Prático Língua Portuguesa*, da editora Escala, para análise: *A relação professor-aluno em sala de aula*, de Hamilton Werneck e *Escrever é mais divertido que desenhar*, de Alexandre Lobão. O critério de seleção dos artigos foi a recorrência dos aspectos estilísticos que se destacam nos artigos das edições como um todo: formas verbais, vocativos e pronomes. Para nós, esses recursos selecionados materializam nos enunciados valores sociais acerca da classe docente. A revista é destinada a professores e estudantes de letras e suas edições são compostas por artigos que, por exemplo, têm a proposta de apresentar dicas, curiosidades, novos métodos, novos conteúdos e análises de relacionamento interpessoal no ambiente escolar a esses profissionais.

Entendemos que é por meio da análise de enunciados que podemos estabelecer relações entre língua e ideologia e depreender a construção da imagem de um “outro” por meio do discurso do “eu”. Tomamos como base para nossas reflexões sobre sujeitos a perspectiva bakhtiniana de que estes são constitutivamente heterogêneos e marcados sócio historicamente. Retomamos, ainda, os textos de Geraldí (1992) e de Mendonça (1995), que destacam uma imagem disfórica do professor nas esferas midiáticas e em outras esferas de atividade humana. Durante a análise evidenciamos também outros aspectos da teoria Bakhtiniana, como a instabilidade dos enunciados, porém com um direcionamento para os aspectos estilísticos recorrentes nos discursos analisados e que, em nossa hipótese, revelam uma imagem do sujeito professor.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

3.1 *A relação professor-aluno em sala de aula*

O primeiro artigo em análise, de autoria de Hamilton Werneck, dá nome a esse subcapítulo e seu conteúdo geral é a relação professor-aluno. O enunciador explana sobre essa relação em sala de aula, especificadamente após a criação do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente –, que estabelece parâmetros para a relação entre adultos e crianças. Além disso, o enunciador classifica os tipos de professores que, segundo ele, existem, e aponta pontos positivos e negativos na adoção de cada uma destas posturas.

Brevemente, gostaríamos de explanar sobre características adicionais das páginas nas quais o artigo se encontra na revista, visto que elas também são importantes para traçar o caminho que evidencia nossa hipótese inicial de materialização de valores ideológicos nestes enunciados. Todas as páginas desse artigo são ilustradas por imagens que já dimensionam sobre o quê trata-se o artigo e até o posicionamento assumido perante a discussão. Outros elementos que podem ser considerados em nossa análise para evidenciação de uma possível (des)construção da imagem do professor são os *boxes* explicativos que estão vastamente presentes em todas as edições da revista e em grande número em cada artigo, compondo o que, em nossa hipótese, é o projeto editorial da revista. Os conteúdos desses *boxes* podem nos revelar a imagem prévia que os editores da revista em análise possuem de seus leitores: profissionais mal formados, maus leitores e iniciantes nas ciências da linguagem. O que fica para nós nesse momento é que esses *boxes* contribuem para a (re)construção do discurso da incompetência do professor, já discutido por Geraldi (1992), pois trazem informações, ainda que “adicionais”, de todo tipo de conceito, personalidade ou referência trazida no texto pelo enunciador, mesmo aquelas das quais se pressupõe que um docente tem conhecimento, devido à sua formação. Nesse trabalho detemo-nos somente aos enunciados verbais da revista, entretanto não desconsideramos as características adicionais apresentadas, que julgamos significativas para a reflexão que nos propomos a realizar.

Doravante apresentaremos alguns trechos selecionados dos artigos e destacaremos os aspectos estilísticos alvos de nossa análise e os sentidos produzidos a partir deles. É importante destacar que a organização da análise não respeita a ordem de ocorrência dos trechos no artigo original. Primeiro exemplo:



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

- (1) “Nós **saíamos** de um regime autoritário e, em sala de aula, **exercíamos** um poder quase absoluto porque, na verdade, os limites estavam determinados pelos regimentos escolares” (2015, p.12 – *grifos nossos*).

Em (1) temos o objetivo de destacar a pessoa dos verbos ‘saíamos’ e ‘exercíamos’ – 1ª pessoa do plural – para apresentar que esse é um dos momentos em que, por meio dos verbos, o enunciador se coloca como professor, assim como seu leitor. Dessa forma ele afirma que, após a criação do ECA, os adultos não tinham mais o domínio total sobre as crianças e adolescentes e, com isso, já apresenta a ideia de “domínio” dentro de sala de aula, a ideia de que, para ser um bom professor basta controlar a sala. Esse movimento de exclusão ou inclusão do enunciador no discurso é um recurso muito utilizado durante todo o texto e nos dá indícios da imagem que está sendo construída desse “outro”, professor e leitor da revista.

Sobre esse “domínio” da sala como papel primordial do professor, gostaríamos de retomar brevemente algumas ideias do livro *Portos de Passagem* (1992), no qual Geraldí fala sobre a mudança histórica do papel do professor, traçando uma linha do tempo desde o professor na antiguidade, produtor e transmissor de conhecimentos, passando pelo início do mercantilismo e chegando ao capitalismo contemporâneo. Segundo o autor, no mercantilismo foi quando ocorreu a divisão social do trabalho e, assim, o professor deixou de ser aquele que produz o saber e passou a ser aquele que adquire um saber já produzido e o repassa. A partir de então o papel desse profissional era sempre atualizar-se com as últimas descobertas de sua área, o que significa estar sempre desatualizado. No mercantilismo também ocorreu a universalização do ensino. Na passagem do mercantilismo para o capitalismo contemporâneo, segundo Geraldí (1992), alteraram-se as relações inclusive na produção científica: não há mais sábios ou cientistas, mas, sim, pesquisadores. Nesse período também surgiram os livros e outros recursos didáticos para “auxiliar” o trabalho de transmissão e, dessa forma, o professor não precisava nem mais fazer as relações para pensar na melhor forma de se ensinar aquele conteúdo que ele dominava por ter buscado nas fontes que produziam os saberes. Com a entrada do material didático Geraldí chega à metáfora do “capataz de fábrica” (GERALDI, 1992, p.94), pois o trabalho do professor passa a ser “controlar o tempo de contato do aprendiz com o material previamente selecionado; definir o tempo de exercício e sua quantidade; comparar as respostas do aluno com as respostas dadas no manual do professor, marcar o dia da verificação da aprendizagem [...] etc” (GERALDI, 1992, p.94). Hoje, duas



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

décadas depois da publicação de Geraldi, já podemos hipotetizar, considerando nossos dados, que talvez a postura do professor esteja se alterando novamente para algo que se aproxima de um “gerenciador” de comportamentos, além de tempo e de aprendizado, de acordo com o que lhe é imposto. Apontaremos essa possível nova postura no decorrer de nossas análises.

A seguir, temos em (2) uma crítica à classe docente:

- (2) “A ECA ainda é vista como um estatuto negativo porque **os educadores** se esquecem de ler as obrigações que pesam sobre as famílias e sobre os próprios adolescentes” (2015, p.12, **grifo nosso**)

Em (2) temos um exemplo em que o enunciador, ao efetuar uma crítica aos educadores, que “esquecem de ler as obrigações”, ou seja, que são mau ou não leitores e que não cumprem suas obrigações, exclui-se da classe por meio do uso da 3ª pessoa. Nesse momento, ele critica educadores outros, que não ele, esquivando-se da culpa e do “erro da classe”.

- (3) “**Convivemos**, então, com quatro tipos de professores” (2015, p.14)

Em (3), o enunciador inicia sua fala sobre os tipos de professores existentes, segundo sua concepção, lembrando que este enunciador “fala” de um lugar de autoridade. A escolha pela 1ª pessoa do plural, mais especificadamente, nesse momento, inclui o enunciador, marcando o discurso de uma classe. A classificação que será descrita servirá também de molde/receita para que aqueles que desejam mudar suas condutas para obter maior sucesso possam seguir. Pensamos que característica de oferecimento de modelos de sucesso ou fracasso possa ser oriunda do gênero de autoajuda, como exposto por Pimenta e Oliveira (2006), e aponta para a característica instável dos gêneros, que podem ser constituídos por uma hibridização. Na tese da autora, que aborda o gênero de autoajuda, há a afirmação de que os livros de autoajuda:

[...] apresentam um discurso messiânico capaz de inverter essa situação [de fracasso], apresentando modos de fazer, agir, proceder, apropriar-se de exemplos de pessoas bem sucedidas, parecendo evidente que o sucesso é constituído a partir de um discurso que garante a felicidade, o topo, o ápice. (PIMENTA E OLIVEIRA, 2006, p.35, grifo nosso)



Essas características expostas pela autora aparecem no momento em que o enunciador apresenta as classificações dos docentes. Outro exemplo que pensamos ser uma evidência do discurso de autoajuda é (4):

- (4) “Quando uma escola não define seus parâmetros conforme deseja o projeto político pedagógico, cada professor faz o que pode para ensinar, **sobreviver** e atender às exigências legais” (2015, p.16)

Em (4), quando o enunciador usa o verbo “sobreviver” para descrever uma das atividades docentes, evidencia um discurso assertivo que aponta para a temática das dificuldades as quais o professor é exposto na sociedade atual. O professor é submisso à escola e dentro dela faz o que pode, não tem voz, não tem autoridade e deve exercer sua função nessas condições para manter seu cargo.

No decorrer do texto, há as seguintes classificações de professores:

- (5) O controlador. Se ele pudesse algemava um aluno na porta da sala” (2015, p.14);
- (6) “O permissivo. Aquele que julga que o futuro da vida vai marcar muito as pessoas e que elas, naquele momento, devem e podem fazer o que bem entenderem” (2015, p.15);
- (7) “O protetor. Muitos professores sentem-se na obrigação de proteger as crianças e acabam desenvolvendo uma “despedagogia” (2015, p.15);
- (8) [...] Os educadores. [...] [o educador é] Aquele que apresenta um pulso firme e um coração que ama” (2015, p.16, grifo nosso).

Para cada classificação (5, 6, 7 e 8) descrita em 3ª pessoa – marcando um distanciamento do enunciador – há um comentário no texto, que já direciona o olhar do leitor para o que é “adequado ou não” em cada “tipo” de professor. No caso do exemplo (8), tido como o melhor modelo, vemos que a postura considerada adequada é aquela que é baseada no amor, conceito também da literatura de autoajuda direcionada a professores, na qual o papel do profissional docente é reduzido a amar e propagar o amor para conquistar a turma e obter controle (e só, desconsiderando toda sua formação intelectual). Pensando ainda em (8) e na redução do educador àquele que possui um “pulso firme e um coração que ama” retomamos a ideia de uma possível atualização da ideia de capatazia de Geraldi (1992), afinal, como podemos verificar nesse exemplo, o “modelo ideal” de professor é aquele que possui um pulso firme para controlar o comportamento os alunos e um coração que ama para também gerenciar sentimentos e comportamentos.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

No próximo exemplo (9), novamente como uma receita, o enunciador diz o que é certo ou errado de se fazer para se atingir o sucesso em um diálogo direto com o leitor, marcado pelo vocativo “caro leitor”, que também nos parece uma expressão de carinho, como se nesse momento, após apresentar tantos modelos fracassados, fosse ser oferecido um afago, um consolo a esse profissional em crise:

- (9) “Não pense, caro leitor, que todos nós professores estamos condenados ao fracasso e que não existe um tipo que deva ser seguido. Existe sim!” (2015, p.16)

Na sequência de (9), o modelo é apresentado – chamado “educador” – como uma solução para esses profissionais que, segundo o projeto editorial da revista, têm sede de instruções e salvação. Nesse momento (9), como recurso também para causar empatia, o enunciador utiliza o pronome “nós”, marcando a primeira pessoa da plural e incluindo-se, portanto, no discurso da classe docente. Esse modelo apresentado ao leitor como ideal a ser seguido tem base no amor. O bom professor então, de acordo com o artigo, é “aquele que apresenta um pulso firme e um coração que ama”, e basta. Novamente, nesse momento, temos a invasão do discurso da autoajuda sobrepondo os sentimentos às competências profissionais. Para justificar a predileção por essa postura, o autor justifica:

- (10) O aluno vê a bondade estampada numa determinação, numa orientação. Este educador consegue estabelecer limites, discutindo-os com os alunos, mostrando a necessidade e a vantagem de uma determinada ação. Geralmente, os educadores costumam escrever, junto com os alunos, algumas normas de conduta e deixá-las bem visíveis dentro da sala de aula. Estes grandes mestres apresentam maturidade. [...] O profissional que não consegue esta sintonia deveria fazer terapia antes de entrar em sala de aula (2015, p.16).

Sobre essa justificativa podemos destacar quatro pontos principais: o primeiro deles é que a descrição é, majoritariamente, feita em terceira pessoa, marcando que o discurso ali proferido é só para o leitor, o que pressupõe que o enunciador – voz de autoridade da classe – já possui uma postura adequada. O segundo é que o enunciador afirma que o aluno será cativado caso o professor adote a postura do “educador”, do professor bom e amável, e esse discurso é extremamente persuasivo, além de também soar como uma receita, pois leva os profissionais a mudarem suas atitudes – emocionais – na esperança de encontrar a solução para seus problemas com um simples toque de afeto, como mágica, e sabemos, na prática, que não é essa a solução dos problemas e que receitas “não produzem o mesmo bolo” (GERALDI,



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

1992, p. XXIV). O terceiro ponto é a retomada da ideia de uma nova postura docente de “gerenciador de comportamentos”, evidenciada a partir da explanação, em (10), sobre regras, a suma importância delas (sem destacar outras coisas muito importantes também em sala de aula) e o efeito da presença ou ausência dessa postura. Temos, no exemplo, esses possíveis “gerenciadores de comportamentos” sendo chamados de “grandes mestres”, ou seja, aqueles que exercem com excelência seu ofício. Pensamos que esses discursos apontam para um novo papel profissional dos professores na sociedade atual: aqueles que conseguem ter domínio da sala de aula no sentido de apenas conter os alunos, sem considerar o momento de ensino-aprendizagem. O quarto ponto a ser destacado é a relação entre terapia e o professor, ligação já cristalizada socialmente como previsível e indispensável.

Não desconsiderando que uma postura agradável do professor seja relevante para o bom convívio em sala de aula e para o sucesso nas práticas de ensino-aprendizagem, o que pensamos que poderia ser apresentado como ideal para a resolução de problemas de desinteresse dos alunos, no caso dessa revista, que apresenta como objetivo uma transmissão de conhecimentos práticos, seria, por exemplo, a sugestão de novas práticas pedagógicas, novas atividades, aproveitamento de novas tecnologias, entre tantos novos recursos que permitam construção, desenvolvimento, reflexão e não reprodução de padrões.

O último exemplo a ser destacado corresponde aos dois últimos períodos do artigo:

- (11) “Será a competência do professor, esta, sim, a primeira plataforma para ganhar a confiança e a admiração dos alunos. São esses, competentes e dedicados, que se transformam em consultores e conselheiros de muitos alunos” (2015, p.17).

Esse trecho é o único que cita a competência do professor, mas a relaciona, novamente, a somente o relacionamento interpessoal, e a destaca como a grande motivadora de professores tornarem-se “conselheiros de alunos”, como se esse fosse o grande objetivo que todo profissional deve alcançar para ser avaliado positivamente.

3.2 Escrever é mais divertido do que desenhar

Nesta seção, analisamos o artigo *Escrever é mais divertido que desenhar*, de Alexandre Lobão, destacando o estilo e a construção da imagem do sujeito professor por meio da forma verbal imperativa. Esse artigo aborda uma temática que é a que mais se aproxima do



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

que a revista dispõe como seu objeto de trabalho: uma proposta para o ensino dos gêneros narrativo e dissertativo. Entretanto, uma proposta nos parece ser constitutivamente bastante diferente do que encontramos nessas páginas: receitas do que se fazer ou não em sala de aula para que o ensino “dê certo”. Ademais, encontramos conteúdos teóricos acerca da forma relativamente estável dos gêneros em questão. Temos, portanto, o “ensinar o conteúdo” ao professor e o “ensinar o professor a ensinar” o conteúdo.

Esse artigo é estilisticamente produzido com verbos em modo imperativo na estrutura “X + DEVE + INFINITIVO” marcando o discurso autoritário que, entre outras características, ensina nossos professores a ensinar e impõe padrões por meio das recorrentes “receitas”.

O enunciador, de início, problematiza a questão das produções nas escolas, afirmando que os alunos possuem muitas dificuldades para realizar tal ato devido à forma como são alfabetizados e na transição do momento da alfabetização para o da produção de textos, momentos estes todos marcados pela presença do professor como mediador/orientador.

Justificando-se nessa falha de como os gêneros são trabalhados na escola, o enunciador passa a apresentar modelos para o ensino dos gêneros propostos (narração e dissertação), as típicas “receitas”, ensinando desde a canônica estrutura textual propagada nas escolas, os tradicionais: introdução, desenvolvimento e conclusão, até o que constitui essas partes e como o professor deve ensinar seus alunos a produzir cada uma destas etapas. O interessante é que esse modelo não é apresentado como uma possibilidade de trabalho, mas sim como o ideal de trabalho, o que deve ser obrigatoriamente feito. Em alguns momentos do texto são apresentadas até frases que os professores deveriam dizer em determinados momentos em sala de aula, como será exemplificado a seguir.

Geraldi afirma:

[...] quando se toma consciência da “crise escolar”, especialmente da escola pública, a primeira correlação que se estabelece é entre a desqualificação dos professores. E, em consequência, os programas de formação de professores, em sua maioria, acabam incorporando, como ponto de partida, uma concepção de trabalho como suplência de carências através de cursos de reciclagens, treinamentos e atualizações. [...] o sistema escolar, em suas unidades de ensino, não possibilita condições de trabalho a seus profissionais que lhe permitam, no trabalho, desenvolver-se e, de outro lado, a existência continuada de programas especiais para formação contínua de professores retirando-os do trabalho para cursos esporádicos que acabam atendendo, aparentemente, a uma minoria e, por isso, não alteram concretamente a ação global do sistema de ensino (GERALDI, 1992, p.XIX)



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Com base nessa afirmação constatamos essa intensa necessidade de formação profissional, já que nós, professores, ainda não somos reconhecidos socialmente como profissionais formados, mas, sim, em constante formação, que necessitam de constantes cursos que nos ensinem a ensinar o que já ensinamos, o que não nos parece acontecer em outras áreas. Na ausência dos cursos e para até complementá-los temos os típicos modelos/receitas, práticas altamente produtivas na sociedade atual e claramente reproduzidas na revista em análise, que nos parece ter os valores que permeiam a sociedade atual materializados em seus discursos.

Ademais, Geraldí afirma:

a solução para o despreparo do professor, em dado momento, pareceu simples: bastaria oferecer-lhe um livro que, sozinho, ensinasse aos alunos tudo o que fosse preciso. Os livros didáticos seriam de dois gêneros: verdadeiros livros de textos para os alunos e livros-roteiros para os professores, para que aprendessem a servir-se bem daqueles. Automatiza-se, a um tempo, o mestre e o aluno, reduzidos a máquinas de repetição material (GERALDI, 1992, p.177).

Ainda que em outro suporte, afinal a “receita” aqui propagada não está nos livros didáticos, como exemplificado por Geraldí (1992), temos, na revista em análise, um mesmo modelo que propicia repetição material, afinal reduz uma proposta de ensino a algumas orientações, fechando o conceito a possíveis reflexões dos professores. Tudo que é necessário para desenvolver o papel de professor já foi pensado por outras pessoas e deve somente ser reproduzido, sem contraposições. Nessa perspectiva, é necessário que o professor seja encaminhado para conclusões e reflexões ditas “de qualidade”, para isso, orientações nunca são demais. Como já afirmado neste trabalho, na concepção da sociedade atual é necessário que o professor seja milimetricamente orientado para que cumpra com o mínimo de êxito o seu papel.

Listamos, nesse momento, alguns trechos do artigo nos quais a estrutura “X + DEVE + INFINITIVO” apareceu direcionada ao professor, evidenciando esse discurso autoritário e que pressupõe reprodução de métodos e conteúdos, “tarefa de sujeito mandado”, como afirma Mendonça (1995):

- (12) “Após reforçar junto aos alunos a importância da pesquisa e lembrar que este aprendizado será útil no PAS, no vestibular e no correr de sua vida profissional, **o professor deve apresentar** as três partes da estrutura básica de uma dissertação” (2013, p.18 – grifo nosso).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

- (13) “**O aluno deve ser lembrado** que a primeira etapa para redigir uma dissertação é escrever não um rascunho do trabalho, mas a sua organização, na forma de tópicos” (2013, p. 18– grifo nosso).
- (14) “**O aluno deve ser lembrado** que deve sempre buscar conectar as ideias de um parágrafo a outro para gerar um texto mais coeso, onde tudo pareça ligado” (2013, p.19– grifo nosso).
- (15) “Antes mesmo de iniciar o trabalho com a turma, **o professor deve trabalhar** sua motivação, empolgando os alunos com a ideia de criar uma história eles mesmos, mostrando que a redação é uma oportunidade de criar algo vivo e divertido” (2013, p.20– grifo nosso).
- (16) “**O professor deve deixar** que os alunos brinquem com a imaginação, lembrá-los de que o personagem pode ser uma pessoa, pode ser um animal, um vampiro, zumbi ou alienígena... Não os restringir , muito pelo contrário: estimular a inovação e destacar as ideias mais originais, de forma a trabalhar a fantasia dos alunos, tão importante na hora de escrever” (2013, p.20– grifo nosso).

Em sua dissertação, na qual a autora ressalta essa mesma estrutura verbal imperativa, Mendonça (1995, p.145) afirma que “O discurso do dever permite, portanto, esse colocar-se como superior porque faz uso de atos indiretos de ordem [...]”. O imperativo é esse modo da ordem, que implica obrigatoriedade, altamente utilizado nos discursos direcionados aos professores, não só nos artigos dessa revista, mas em tantos outros gêneros. Os professores precisam de modelos, de ordens, porque são tidos como incompetentes, mal formados e sem capacidade de reflexão. É importante, ainda, ressaltar o conteúdo dos trechos acima apresentados: são dadas ordens para todos os momentos do ensino, inclusive para àqueles nos quais os alunos não estão necessariamente produzindo. É necessário que o professor saiba exatamente até como conduzir o momento em que ele está reproduzindo o que lhe foi estipulado e, assim, é tirado do professor seu caráter de sujeito pensante e agente. Esse artigo, assim como os outros apresentados, também possui *boxes* explicativos, entretanto, neste caso, os *boxes* não são de autoria da revista, mas, sim, também do enunciador, pois neles também são apresentadas propostas, tangenciais ao conteúdo do artigo (durante o texto são apresentadas as ditas “estruturas formais” dos gêneros em questão e, nos *boxes*, são apresentadas práticas de ensino lúdicas utilizando esses conceitos). Fica a ressalva de que, nos *boxes* o discurso do “dever fazer” (MENDONÇA, 1995) também é presente, marcando esse discurso autoritário do que deve ou não ser realizado pelo docente.

4. Considerações Finais

Nas análises apresentadas procuramos evidenciar como valores ideológicos que circulam na sociedade são ainda materializados nos discursos sobre a classe docente, para a



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

classe docente e até mesmo produzidos por membros da classe docente, mostrando uma problemática da “naturalização” desses péssimos valores e imagens atribuídas aos professores até mesmo entre os próprios professores.

Acreditamos que os recursos utilizados nesses enunciados – vocativo, formas verbais e pronomes – contribuem para essa marcação de valores sociais nesses enunciados, o que reforça que o estilo também é conceito importante para reconhecer, no enunciado, seu caráter social e, portanto, dialógico.

Pensando no suporte no qual os artigos são veiculados e também no projeto editorial da revista em análise, é importante destacar a problemática de discursos como os analisados na mídia, já que esta é um mecanismo de influência social, capaz de refletir/refratar (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999) visões de mundo, estigmas e preconceitos. Assim, os discursos veiculados nos meios de comunicação, de maneira geral, podem se “refletir” negativamente nos sujeitos, influenciando-os e, muitas vezes, criando uma imagem negativa acerca dos fatos, nesse caso, criando uma imagem negativa do sujeito professor, mesmo entre professores, que já são tão desvalorizados em suas profissões, e fortalecendo esses discursos da incompetência docente nas diferentes esferas comunicativas.

Com isso, podemos afirmar que temos nos discursos analisados valores sociais materializados, pois, como visto, tem-se uma imagem do profissional docente que é a que circula na sociedade atual e também a que circulava há décadas como notado por meio dos estudos de Geraldi. Dessa forma, reafirma-se o conceito bakhtiniano de que os enunciados são instâncias sócio históricas.

Considerando estudos de Geraldi (1992) em nossa análise, que afirmam sobre o ofício da capatazia do professor – o que ainda existe na sociedade atual, como apresentamos em nossas análises – percebemos, sobretudo na análise do artigo “*A relação professor-aluno em sala de aula*”, uma possível atualização da ideia de Geraldi. Além de, portanto, de acordo com o autor, o professor ser um gerenciador de tempo e de aprendizado, os professores, na atualidade, são aqueles que conseguem gerenciar comportamentos dos alunos para ter domínio da sala de aula.

Por fim, como afirma Geraldi (1992), esses discursos constantes de orientação à classe docente, como vimos nos artigos que compõem o nosso *corpus*, marcam sempre um “isto está



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

dentro da proposta, isto está de fora. Agindo assim, não só a proposta vira receita. Também os professores viram tarefeiros, aplicadores” (GERALDI, 1992, p. XXVI). Pensamos que reduzir o papel do docente ao de reproduzidor de modelos e controlador de comportamentos é descartar milhares de novas técnicas pedagógicas de ensino, é calar um ser crítico e pensante, é anular um sujeito social, é descartar novas ideias e, não menos importante, é vitimar alunos que serão cobaias dessa mecanização do trabalho do professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- GERALDI, W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LOBÃO, A. Escrever é mais divertido que desenhar. In: *Conhecimento Prático Língua Portuguesa*. São Paulo. Ed. 42. P.16-23. 2013
- MENDONÇA, M.C. *Silenciamentos produzidos em questões de leitura*. 1995. 177 f. Dissertação (mestrado em linguística). Departamento de estudos da linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MENDONÇA, M. C. Representações do professor e sua compreensão responsiva: uma análise da produção de sentido nas margens do discurso. In: Edna Maria Fernandes Santos Nascimento; Maria Regina Momesso; Maria Silvia Olivi Louzada. (Org.). *Leitura: linguagens, representações e práxis*. 1ed. Franca: Edifran, 2009, v. 4, p. 107-130.
- PIMENTA E OLIVEIRA, S. F. *Discurso, gênero e argumentação na auto-ajuda de Shinyashiki*. 2006. 196f. Tese (doutorado em linguística). Departamento de linguística e língua portuguesa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.
- WERNECK, H. A relação professor-aluno em sala de aula. In: *Conhecimento Prático Língua Portuguesa*. São Paulo. Ed. 53. P.12-17. 2015.